

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Pinto, Ricardo Caires

O indelével parecer na arquitetura

<http://hdl.handle.net/11067/6902>

<https://doi.org/10.34628/xg13-ah93>

Metadados

Data de Publicação	2023
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-20T03:33:33Z com informação proveniente do Repositório

O INDELÉVEL PARECER DA ARQUITETURA

Ricardo Caires Pinto

DOI: <https://doi.org/10.34628/xg13-ah93>



Sou Fujimoto

A relação do Homem na superfície habitável universal reveste-se de mutações constantes e de uma evolução inquestionável ao longo da história, inerente à sua vivência terrena, ancorada nas necessidades físicas e emocionais. Desde a necessidade de refúgio de caça ou de reunião familiar, a arquitetura sempre fez parte da mais elementar estrutura de permanência e relação do Homem no seu habitat, evoluindo em função do seu próprio interesse extemporâneo ou motivado pela integração social, permitindo o seu equilíbrio e estabilidade psicológica. Dir-se-á inclusive que o homem nasce arquiteto porque na sua infância não desenha atos de gestão, ou reparações mecânicas, nem mesmo operações cirúrgicas, mas sim “casinhas” e edifícios, até cidades e lugares. Esta relação é inata e perene à essência do homem.

Na verdade, a relação do Homem com o espaço, seja ele construído ou não, é permanente, figurando inclusive a habitação como um elemento basilar da Carta Universal dos direitos do Homem, onde na verdade, o conceito de habitação é plural, definido como o espaço onde se consubstancia a necessidade de segurança, privacidade e intimidade.

A abordagem acerca da indelebilidade da arquitetura, figura como uma reflexão inquietante da percepção na relação do Homem com o seu espaço envolvente, bem como a influencia que este poderá ter na perspectiva do utilizador enquanto elemento volátil, considerando a reciprocidade implícita dos elementos construídos na esfera cognitiva. Partindo do tema da construção primitiva como mote para uma reflexão bastante mais abrangente, a intenção do tema é a de procurar um entendimento claro, com objetividade sobre a importância do espaço construído, com especial enfoque nos edifícios. Compreender como a qualificação espacial pode interferir na leitura do espaço e como se pode dar um sentido de lógica e percepção ao utilizador.

A arquitetura é uma disciplina que assenta num entendimento holístico das necessidades concretas, em que o arquiteto não é mais do que um operativo na medida em que procura uma solução adequada e competente para um fim específico. A forma como o faz ou se propõe a fazê-lo encontra-se na complexidade da sua resposta, pois admitindo que a interpretação do problema é em teoria infinita, também a solução pode apresentar o mais simples gesto ou uma complexa expressão espacial. A percepção da intenção do arquiteto pode ser um exercício difícil, porque na sua abordagem e competência técnica estará intrincada uma teia de soluções que espelham reflexões, dúvidas, inquietações, vontades, experiências e preocupações. Do ponto de vista do utilizador, a experiência, permanência ou fruição do espaço construído pode resumir-se em três modos. O de mero utilizador onde não é despoletada a intenção de compreensão; a de utilizador atento e sensível ao espaço envolvente, onde se permite interpretar a lógica espacial; e a do utilizador consciente do efeito físico e emocional do espaço, mas indiferente à razão do acontecimento. Estas formas de estar e viver o espaço são permanentes, num ato constante da realidade consciente, ainda que a percepção real não seja completa.

Quando o arquiteto desenha uma solução, esta assenta numa lógica intencional de resposta ao problema, com foco na solução que se propõe. O seu ato intencional de projetar engloba uma série de critérios específicos que motivam uma determinada resposta volumétrica. Neste processo é inevitável o aporte conceptual, consciente e inconsciente do autor, que transpõe para o seu resultado uma determinada intenção espacial que será vivenciada pelo utilizador. Este facto é altamente relevante pois o resultado é uma expressão intelectual que pode coincidir ou não com a sensação interpretativa dos utilizadores. Faz parte da intenção, o risco da incompreensão. Será esta aparente e hipotética isenção de sentido ou ausência de propósito, legítima?

Este ponto é sensível, uma vez que a leitura do espaço construído pode ser apenas clarividente ou por outro lado muito visceral e completamente lógico. Neste campo podemos interpretar vários tipos de construção. Aquele que apenas cumpre uma função num qualquer espaço, convivendo com a multiplicidade da experiência cronológica, sendo totalmente isento de pretensões conceptuais. Este pode chamar-se

apenas de construção. Reflete uma grande parte do edificado corrente, principalmente no contexto rural, onde a função é primordial. O descomprometimento arquitetónico é total. O objeto construído cumpre de forma lógica, até mecânica, numa assumida simplicidade funcional. Em boa verdade grande parte da arquitetura românica portuguesa, focada na promoção da palavra por agremiação dos povos e consciente das necessidades militares é uma construção, desprovida de intenções arquitetónicas. Contudo a sua imponente e relevância histórica conferem-lhe a distinção do estilo. Esta poderá ser apenas a construção.

A arquitetura, contudo, não se limita à sua própria função, ela procura acrescentar algo. Tal como o Arquiteto Eduardo Souto Moura se refere relativamente ao edificado, temos a mera construção; outra que se distingue a que chamamos arquitetura; e aquela que se eleva e a que definimos como património.

Assim chegamos à complexidade do tema, sobre como se processa a arquitetura e como somos levados a agir perante ela. A arquitetura é o processo de procura de uma resposta que não se limita à resolução técnica de um conjunto de circunstâncias, mas sim o produto de uma reflexão articulada com as necessidades e ponderada no seu conjunto de ação. Ou seja, é um exercício complexo que procura responder com qualidade na transformação dos lugares, permitindo a criação de espaços qualificados, tanto na sua função como na interação sensorial com o utilizador.

Ficará a questão se toda a construção é arquitetura? Até se toda a arquitetura tem de ser construída?